

A REVOLUÇÃO

Imagino a sua curiosidade e a eventual vontade de ler estas linhas só porque viu o título: “A revolução”. Qual delas? A que eu vivi e nos é mais próxima? Aquela de que ouvi tantas vezes falar a meu pai e minha mãe e a uma ou outra pessoa, mas todas com as mesmas características? Sim, com algumas variantes, porque são sempre revoluções e, no essencial, todas iguais: a violência, mais ou menos acentuada, a mudança das pessoas e dos lugares, dos nomes nos espaços e nas instituições, os saneamentos e os oportunismos, a distinção apressada e exacerbada entre revolucionários e contra-revolucionários ou reaccionários e a caça aos mesmos, progressistas e conservadores, numa palavra, entre “bons” e “maus”, inteligentes e atrasados mentais.

Toda a revolução, por definição, tem como objectivo, melhor, pretensão, insurgir-se contra o poder estabelecido, ocupar-lhe o lugar e fazer desaparecer tudo o que o caracterizava, sobretudo pessoas, leis e instituições.

No revolucionário tudo o que está, está mal, e tudo o que ele pretende, vê e deseja é óptimo, é o ideal. O revolucionário muda tudo, até aquilo que não deve nem é preciso mudar para conseguir os seus objectivos. Chega a mudar só para dizer a toda a gente que é diferente, melhor. Só ele é que não muda porque não precisa de mudar. Conhece tudo, sabe tudo e tem tudo para mudar tudo.

Mas a revolução, para ser mesmo verdadeira revolução, tem de começar pela mudança interior do próprio revolucionário. Mudança a partir de dentro, da sua mentalidade e do seu coração. É por isso que o verdadeiro revolucionário é aquele, e só aquele, que tem uma vontade séria, permanente e profunda de se converter, de mudar de mentalidade e de coração, em atitude de humildade constante, coragem sempre crescente e sem desistir nem desanimar. A única e verdadeira revolução é a conversão de cada um.

Este revolucionário não vê nem alimenta antagonismos, distinguindo bons e maus, marginalizando para sempre os que não aderem ao seu projecto; sabe muito bem e tem consciência clara de que a verdadeira revolução começa e acaba nele e não começa nem acaba nos outros; não se considera melhor que ninguém e tem a certeza de que, apesar de todas as diferenças, todos são precisos para “revolucionar” a sociedade; tem consciência de que o presente não se pode construir sem o passado e o futuro sem o presente; não se aproveita do que é alheio, público ou privado, para se promover a si e aos seus; põe, sempre e em tudo, os valores do espírito acima dos valores materiais, partindo do princípio de que a guerra das ideias precede sempre e é muito mais mortífera que a guerra das armas. Este revolucionário só conhece e usa uma arma: o amor.

É por isso que o verdadeiro revolucionário é o “Santo” e o Primeiro e Maior de todos foi e é Jesus Cristo.